

FLIP 2022

RUÍDOROSA



Maria Firmina dos Reis (1822-1917), a maranhense, a história

EDIÇÃO 1: Distribuição gratuita. Proibida a venda.

ZINE RUÍDOROSA

**Antes da palavra escrita
estava o som, o ruído. Ruído
vem do latim rugitus: rugido.
É rumor, barulho, estrondo.
Um ruído rosa mantém a
potência em qualquer escala.
Um verdadeiro sinal de ruído
rosa tem energia infinita.
Somos um coletivo formado
por escritores e aspirantes
a escritores em busca da
própria voz, em busca do
próprio som. Um coletivo que
nasce para fazer barulho, para,
por meio da escrita, gerar
potência daqui até o infinito.
Um ruído rosa em busca do
seu rugido!**

@coletivoruidorosa

Marguerita

Alessandra Melo (@alessandra_melooo)

Trava, destrava,
mão cheia de graxa.

Presencial
remoto
híbrido.
Não para nunca,
entende?

Hoje quero dose e meia
e dois tapas na cara,
que hoje não estou pra marguerita.

A alegria

Silvia Cantarin (@silvia.cantarin)

Minha filha segunda
Chegou assim
Olhando para mim
O ritual da vida se fez novamente

Deu sinais
Anunciou-se
A beleza do mundo
Morava só nela

Comemorei aquele instante
Alucinadamente
Queria tomá-la nos braços
Celebrá-la

Que tamanho de mundo
Poderei lhe oferecer?
Naquele segundo
Coloquei-me como guardiã daquele coração

E me dei conta do quanto precisava dela
E como o mundo enxergaria tamanha beleza?
Desejei que a vida pudesse festejar comigo
E sempre aplaudi-la

Agonias pretéritas
Ficaram para trás
Seguimos juntas
Desde então!

Apren(diz)agem

Patricia Dias (@patricia.t.dias)

Da poesia me faço aprendiz
Ignoro a falta de jeito
Esqueço o soneto perfeito

Ultrapasso o muro
Trilho o caminho
sem atalhos

Ouço o que a rima cala
O que o verbo diz
Persigo o ritmo próprio

Busco a palavra imperfeita
Sigo um caminho tortuoso
sem musa, sem trombeta

Experimento o gozo do poeta
O desvio
(e isso me basta)

Me solto

Me arrisco

Rasgo o rascunho
Reescrevo de próprio punho
Sem mesura

Se a palavra falta
Corro atrás
Sempre há palavras
abaixo da superfície

Arranco a pele
Dilacero
Cavo até o osso
Persevero

Volto ao começo
revestida de sentido
Sentindo cada sílaba
rima-verso-estrofe

Se faltar
Cavo mais fundo

Babaca

Francine Cruz (@francinecruzescritora)

Máscara no queixo
Faz arminha com a mão
Para em vaga de idoso
Sonega imposto
Não paga pensão
Mas...
Vota "contra a corrupção"

Você sabe com quem está falando?

Canção a terra

VITTO (@musicavitto)

Terra astronauta
O sol que narra minha pele queima um rio de vida
Inteira vida
Medo dos dias e das noites
Inteira vida
Cabeça coração

Terra universo
Vasto frio faz cauteloso olhar
Inteiro olhar
O livro à mesa anúncio da humanidade
Inteiro olhar
As folhas no jardim

Terra muda

Eu cavalo selado pedra bruta
Dilacerado peito
A cozinhar legumes de frente ao espelho
Dilacerado peito
Carros ônibus na estrada

Terra prata
Amenizado deus que dá e diz quem é
Eu morte vida
Desfaço mistérios atendo chamadas
Eu morte vida
Passeios e janelas a cidade

Terra mundo
Habitat nascimento e choro
Famigerado amor
Árvore de sagaz plumagem
Famigerado amor
Sorriso olhar de criança

Quelqu'un m'a dit

Beatriz Borges (@casadacriatividadetotal)

Tristes são vocês
Que não conseguem esperar
Tristes são vocês
Que não largam o leme por nada

A felicidade
Respira
Paris sempre nos espera
E a chuva é um consolo admirável

Corpo que nasce da pedra

Danielle Rech (@danirechmazzorana)

carregar um coração-lápide por anos
por súbito descuido
estranhar o corpo tornado pedra
matéria bruta lapidada
a pele arrancada à força
não é pele de cobra que cai
eclipse da cabeça ao rabo
a pele esbranquiçada, os olhos opacos
é pele humana desfigurada
até que enfim
o espanto
deseducar-se
outras epistemologias na carne
ser bicho

ser dente-de-leão
sentir o sopro e desvencilhar-se
da forma dura

Devorandi

Marcelle Louback (@marcellelouback_)

Hoje eu a vi
Ela vagava, sonolenta
A poesia vagava
Pelos ruas, a bocejar
Acenei
Ela não viu
Esqueci que a poesia não tem olhos
Tem sangue e nervos e órgãos
Mas não tem olhos
Tem boca e alma e pelos
Menos olhos
A poesia visceral voa às cegas
Seus hormônios a impelem
Seus instintos a excitam
E ela caça,
Antropófaga e a bocejar,
O próximo homem
Que será o seu jantar

Inundações

Renata Giriolli (@renatafgiriolli)

Inunda-me!
Transborde as minhas verdades.
Verse sobre mim
ondas de poesias que
me deixem encharcada de saliva
e prazer.

Alargue as margens das minhas certezas,
umedeça a minha severidade com o lirismo da
vida,
aprofunde os meus vazios,
interrompendo meus ciclos de água
e deságue natural.

E quando
eu me entregar às correntezas do seu leito,
releve a mim

muito mais que uma ardência.

Quero revoltar-me em suas águas!

Quero meu lado mais vulnerável
revelando seu homem bárbaro
para que eu possa me libertar.

E nessas idas
e voltas em meu corpo,
alcance
as divisas cruéis dos meus segredos
ardendo em trocas fluidas
e ácidas,
o encontro da cólera
profunda e honesta —
a violência do nosso suor.

Tempos modernos

M. Laurinda Ribeiro (@mlausousa)

Muita pressa na vida
O relógio virou digital
Não mais tic-tac tic-tac
Não mais um segundo frugal

Encontros – só de passagem
Palavras – vagam nas nuvens
O outro – só de miragem

Foi-se a linha do trem
Foi-se o pão no fogão
Foi-se água do poço
Foi-se mesa do almoço
Dentro das casas – ninguém

Sem título

Marcio Fernando Campos (@marcio.fake)

Odiar o vermelho é odiar a vida tendo em vista
que o sangue pulsa nestas cores em paralelas
pontes vias odiar o vermelho é odiar as pessoas
negras posto que elas sangram das mais diversas
formas todos os dias odiar o vermelho é odiar a
empatia dado que um abraço é o encontro de
fluxos nessa sintonia odiar o vermelho é odiar
as mulheres posto que elas sangram das mais
diversas formas todos os dias odiar o vermelho
é odiar o encanto pois flechas imaginárias nesse
sentido não tem outras cores odiar o vermelho é
odiara os pobres posto que eles sangram das mais
diversas formas todos os dias odiar o vermelho
é odiar o amor já que temos um coração como
imagem representante dessa primazia odiar o
vermelho é odiar o movimento LGBTQIA+ posto

que ele sangra das mais diversas formas todos
os dias odiar o vermelho é odiar os dias que aqui
se passam mas não sem a nossa festa apesar
do medo da mitomania odiar o vermelho é não
enxergar a tristeza de não ser vermelho: acidente
chumbo golpe anestesia carona de caminhão
enfim... odiar o vermelho é odiar o seu próprio
país posto que etimologicamente ele assim o é e
como brasa mas só os não-vermelhos parecem
não saber do que se trata.

Três poemas

Jéssica Marzo (@jemarzo)

Despedida

Vovô cuidou dela
Todos os dias
Até cair a última pétala

Desmedida

Pegou a lua cheia
Embrulhou na mão
E me deu de presente

Morada

Tapete de água
Buraco na areia
É casa de siri

No abismo de Zéfiro

Monique Bonomini (@moniquebonomini)

Um abismo separa o que se quer do que se
conquista. De longe ele parece uma fenda, uma
falha no meio do caminho. Tanto mais perto se
chega, mais se revela o tamanho do vão.
Atravessar, arquivetar pontes e, às vezes, ir até o
fundo para entender como alcançar o outro lado.
Se o risco de cair no vazio estanca algumas forças,
também movimenta outras, é Zéfiro soprando.
Não sei muito de conquistar, arrisco a dizer que
nem cheguei perto do outro lado, me sinto cada
vez mais em casa à beira do abismo.

O encontro

Raquel Rodrigues (@raquelrodriguesdac)

Primeiro o engasgo, depois um olhar baixo. E
assim foi buscando uma maneira de mudar
aquela conversa, de deixá-la de lado, oferecendo o

presente de si mesma e não o passado. Mas o que
faria neste momento em que a chuva caía lá fora
e a fumaça de muitos cigarros abafava lá dentro:
correr do passado na chuva ou fixar seus olhos
numa pergunta tão pequena e dolorida como
aquela? Um poço ou uma ida ao banheiro. Rápida
dirigiu-se ao banheiro, lavou o rosto e sentiu a ma-
quiagem espalhar-se por ele como uma pintura
infantil. Uma máscara grudada sobre a face. Des-
fez aquilo como se fosse mostrar a própria alma.
Papéis e mais papéis, parou de lavar as mãos
quando contou a décima vez. Ali o ar cheirava a
urina e sangue, impregnava a pele, buscou alívio
no cigarro lá fora. Sentou-se na mesa e esperou.
Esperou até que um sujeito estranho veio lhe
oferecer uma bebida e ela se viu aliviada de não
ter mais a quem responder. Só o presente agora.

O veado ferido

Sandra do Val (@sandradoval22)

Sentir-se caça é dor que não cessa
É ter a alma ferida pelas flechas do amor
É estar consciente
Quando a lâmina penetra a carne
E enquanto o sangue se esvai
Lentamente
Olhar nos olhos do caçador
É saber que são tantos e estão por toda parte
E sentir-se impotente
É sobreviver
E transmutar o pavor em Arte

P.F. mãe

Vanessa Ibrahim (@santoscontos)

Espremia limão e palavras
com mãos cheirando a alho.
O feijão soprava o pino
inundando a casa
de obviedades
O arroz viria
certamente empapado
E um verde orgânico
combinado ao transgênico
que entrou sorrateiro
na sacola do supermercado.

Vozes de criança na sala
– Olha mãe, uma tartaruga!

Interrompeu a viagem
empreendida anos-luz
nas voltas do micro-ondas.
E o resto de ontem, ainda frio.

No apertado do congelador
não coube tudo
que precisava durar
Estragou o amor.

O que tem pra hoje
vai entupir artérias
ou amarelar os dentes
ou enfraquecer os ossos.
A vontade é beber vinho
Mas já?

Partes...

Maria Paula (@mpcurto)

O estranho vira entranha
Que extrapola limites
Que cruza fronteiras
Perpassa membranas

Não é nossa carne
Nem nosso sangue
Não é parte
Mas interseção

Esgarçamento da pele
Estiramento de músculos
Um nó nas vísceras
Tentando dar conta de tantas formas de ser

Pulsão de vida e vontade
Não, não é um "coração que bate fora do peito"
É um transbordamento
De novas possibilidades

Îagûara ixé

Carol Ruiz (@miacarolruiz)

eu ouço o rugido da onça
as pegadas se aproximando na mata
o farfalhar que faz o seu tronco
tocando as folhas

eu sinto a presença do bicho
se incorporando
eu sinto a força da fêmea-fera
domando o meu sonho

eu ouço agora o silêncio não silêncio
um tum-tum-tum no peito
eu não me viro
eu não grito

eu esperei a noite toda
pela boca aberta

os dentes afiados da onça
engolindo o meu sorriso



política

emília souza (@a.emiliasouza)

a mulher é política

ainda que não se filie a nenhum partido
que tenha sido ensinada a se afastar da política
ela apenas o é

é político levantar os olhos acima do chão
andar de mamilo duro
sob o fino tecido da liberdade

pra além do voto
há política no pulsar da vulva
na cutícula desfeita
na marcha de cara lavada

não se engane mulher

pra nós
que sangramos
não morrer é um ato político

**esse é um dos poemas que estará no meu primeiro livro
de poesias a ser lançado em breve*

Se Eva não tivesse filhos

Luciana Lima Silva (@lulimabr)

Se Eva não tivesse filhos
não lhe perguntariam
por que mordeu a maçã
por que não trançou as pernas

às investidas do ingênuo Adão
por que não se cobria em peles de animais
em vez de insinuar-se por pequeninas folhas
que lhe deixavam a silhueta à mostra

Se Eva não tivesse filhos
no primeiro capítulo
desse folhetim unguido
todo o universo se resumiria
a uma lembrança
representada
em 3 ou 4 hieróglifos
grafados
em igualdade e sangue vermelho.

Tapete amarelo

Marina Nascimento (@e.flordapele)

E se meu canto preferido permanecer intacto
E se o acaso muitas vezes me fizer sorrir
Se eu me encantar todas as vezes que o tapete
amarelo
vestir a calçada de flor
Se eu sentir mais vezes o aroma do pão
E minha comida preferida virar atração ali na
esquina
E se a manhã ficar azul e o vento invadir a sala
de mansinho
E se o carinho pelo irmão for muitas vezes
o que sinto pelo desconhecido
E se com ele for igual
E, de repente, sentir amor imensamente
Sem data especial nem presente
cronometrado
E se o Natal for novo como é pro meu filho
E se eu quiser estar feliz agora sem esperar
data, ordem ou decreto
Se for silenciosa e intimamente feliz
E se for agora, sem show de luzes nem música
especial
E se for quieta e sóbria
Agora, como o tapete amarelo

Tempestade

Emilly Bonjardim (@escrit_orinha)

O interior às vezes fica nublado,
O tempo ruim chega em algum momento...

E tudo bem!
A vida se faz nesse vaivém!

Para se encontrar
É necessário se perder

Direcionar o olhar
E com o passado romper.

Pois às vezes
Para reencontrar sua essência
É necessário se desfazer...

Só assim existirão evidências
de quem passou a ser

Há em meu interior uma tempestade,
Que o sol lá fora não será capaz de amenizar.
Mas tudo bem! Só assim não ficarei pela metade.

Confluências

Mônica Fragoso (@mofragoso)

Existem os encontros de chuva de verão.
Encontros de garoa e de chuveiro.
E têm aqueles de tempestade.
Esses que provocam claridades e apagões.
Descargas elétricas em cada centímetro de corpo.
Temporais que reverberam e ecoam no limite da
lucidez.

Te encontrei num dia de céu azul.

Com quem ficou?

Sentiu as mãos macias de Beatriz passando por
entre as dela, seu coração pulsava tão forte que
subiu à boca e empurrou um grito, o anel caiu.

Placenta

Vanessa Yara (@pasargadayara)

É no que me escorre que sou inteira

nenhuma fresta me escapa: festa.
nenhuma barragem me retém: fissura.
nenhuma lágrima é em vão: abertura.

Nascer é respirar placenta
e não se afogar.

Existência controlada

Rebecca Cysne

Existência controlada
Minha existência não é espontânea
Sussurros, fantasmas

Prisão do próprio eu
Qual foi a última vez,
que não me preocupei em ser?

Permanece em mim sempre o ontem — o
passado
Vagueando, o agora é disperso, não sinto
Estarei vivendo o hoje
Ou apenas habitando nele?

Vou procurar as chaves, destrancar
Ser livre, experimentar o agora
E o instante do ontem
Deixar ir embora

Rima pobre

Ana Julia Prado

a carne sangra
enquanto
o veado estanca.
mulher? Espanca.

com a perna bamba
pela
mata que descansa ela
volta manca
para um futuro no passado
cheio
de
lembrança.

**Organização
e edição:**

@coletivoruidorosa

**Projeto gráfico
e diagramação:**

Felipe Skler:
felphs24@gmail.com